

Notas da Assembleia de Escola de Comunidade

São Paulo, 19 de setembro de 2015

Com a presença de Marco Montrasi (Bracco),
responsável nacional de Comunhão e Libertação

Bracco: Boa tarde! Eu vim aqui para escutar. Uma coisa que eu entendi participando da Assembleia Internacional do Movimento deste ano é que Carrón está olhando o que acontece no Movimento no mundo todo. Aquilo que acontece conosco pode servir para o Carrón mudar o Movimento no mundo todo. Nós precisamos tomar consciência disso. Desta forma, é importante cada um de nós saber como está vivendo, cuidar bem daquilo que está vivendo porque não sabemos aquilo que o Senhor quer de nós, pois aquilo que está sendo gerado em nós pode mover o mundo. Às vezes pensamos que nossa experiência é pequena, insignificante, ou que serve só para mim e meus amigos, no entanto entendi que se o Senhor faz acontecer algo na minha vida, isso é para o mundo inteiro porque é Ele que está agindo. Como o Senhor age? Como Ele está presente? É através da nossa humanidade que muda, que se move, por meio das nossas perguntas. É assim que o corpo de Cristo cresce, se move e encontra as pessoas. Portanto, devemos levar a sério nossa humanidade toda, estar aqui com todo o nosso humano e encontrar o nosso eu que poderia estar em casa, em um jogo ou pensando em um problema que vai enfrentar amanhã no trabalho. Devemos fazer um esforço para trazermos para cá o nosso eu, para estarmos aqui por inteiro. Aqui se joga tudo. É isso que estou aprendendo. Neste momento precisamos nos colocar por inteiro, pois é assim que poderemos nos ajudar. Então, vamos começar.

Colocação: Conto minha experiência como forma de agradecimento a Dom Giussani, ao carisma que chegou até mim. Depois da experiência das férias nacionais em Águas de Lindóia, recebi um convite para ajudar no retiro dos Memores, que aconteceu no final de semana passada em Mariápolis. Eu deveria cuidar do espaço onde o Carrón iria tomar o café da manhã, almoçar e jantar com diferentes grupos. Era um espaço reservado, afastado do salão, onde ele pudesse encontrar as pessoas sem distração com o movimento do salão. Logo que recebi o convite, identifiquei que não era uma proposta qualquer. Este pedido já era um acontecimento, então fui dando os passos, respondendo à realidade e verificando o que poderia nascer em mim, indo ou não ao retiro. Eu tinha que pedir para a minha orientadora me liberar na sexta-feira. Todos no meu trabalho sabem da minha experiência e lá têm acontecido muitas graças. Eu já havia saído mais cedo para os Exercícios da Fraternidade, então expliquei à orientadora que para este outro eu havia sido convidada para ajudar, que eu iria encontrar o responsável geral do Movimento e que havia ganho a estadia. Tudo que falei era verdade, e fui. Lá, eu tive a companhia de outro amigo, que me ajudou com as tarefas. Era um salão com uma mesa grande e um buffet. No fundo havia um biombo e atrás dele havia uma mesinha de apoio, um armário para guardar as bolsas e duas cadeiras. Pediram que fôssemos discretos, que se possível ficássemos “invisíveis”. Nós arrumávamos todo o espaço e ficávamos atrás do biombo, atentos para repor algo que acabasse e retirar os pratos para servir a sobremesa e o café. Nas férias, o Bracco falou que é muito importante a postura ao se começar algo, e eu pude identificar, depois dessa experiência, que desde o início carreguei uma consciência de seguir o que me era pedido e nada mais. Sabia que algo grande ia nascer em mim, sem nenhuma pretensão de fazer mais nada, apenas servir. Esvaziei-me de mim mesma à espera da abundância da presença de Cristo. E foi assim, um acontecimento atrás do outro, uma superabundância de Cristo que falava comigo. Comprei um caderninho de anotações e deixei junto com um lápis atrás do biombo, caso eu conseguisse anotar algo. Eu não via os rostos e na maioria das vezes, eu não conhecia as pessoas, mas isso não importava porque era comigo que Cristo falava. Não importava a circunstância, estar em retiro como Memores ou estar servindo, Ele sempre toma a iniciativa e assim volta a preferência de Cristo por nós. Eu havia vivido uma situação muito difícil algumas semanas antes, sem conseguir dar um juízo que pacificasse meu coração. Então, mais uma vez Cristo respondeu as minhas perguntas através do desafio que fiz a Ele nessa experiência.

Carrón disse: “Do medo nasce uma realidade, e da certeza nasce outra. Seu relacionamento com a realidade nasce do medo ou da certeza? Não é ter tudo sob controle, mas é ter a certeza da Sua presença, de que é sustentado por ela. Sem isso não se muda nada. É um acontecimento. Cristo nos desafia dentro da realidade. Cada um é relação direta com o mistério, cada encontro é um convite à minha liberdade.”

No tempo livre ia direto para o quarto para rever as palavras que anotava e as procurava também no livrinho da Fraternidade. Guardando silêncio, fiz meu trabalho pessoal como todos que ali estavam. O silêncio é onde me descubro e encontro a vivência que me pacifica. Era um eu impregnado pela sua presença. Assim, de refeição em refeição, fui desfrutando da presença de Cristo e vivendo um relacionamento de intimidade com Ele. Mais surpresas foram acontecendo. Fomos convidados para assistir, na sexta e no sábado, aos vídeos dos encontros do Meeting. Esse foi um momento que trouxe de volta a minha história, o encontro com o Movimento e todo o caminho percorrido. Foi crescendo em mim uma autoconsciência de que Deus me ama de verdade, com todo o meu limite, como amou a Abraão, e perdoa sempre. Íamos trabalhar só até sábado à noite, pois o Carrón ia embora no domingo cedo, mas na última hora nos pediram para fazer o café da manhã de domingo. Decidi ficar e assistir à missa para depois ir embora. Após arrumar tudo e carregar o carro, fiquei na porta do auditório, no andar de baixo, lendo a revista. Mas ouvi os cantos e decidi subir para ficar acompanhando, mesmo estando do lado de fora, pois a beleza nos atrai. Quando acabaram os cantos a porta do salão estava entreaberta e uma pessoa veio para fechá-la. Ao me ver, ela fez um sinal para que eu entrasse e assisti a síntese do retiro. Não planejei burlar nenhuma recomendação, foi só um acontecimento que não queria me largar. É como se Cristo me perguntasse: Tu me amas? Nesses dias, Ele também respondeu uma pergunta que eu havia colocado no tempo da Páscoa: Cristo, onde, na minha vida, você torna novas todas as coisas?

O final do domingo foi maravilhoso. Encontrei os meus filhos cheia de experiências para contar e queria ajudá-los a dar um juízo sobre as coisas, entendendo que a minha fé pessoal gera comunhão e recoloca no lugar tudo que parecia impossível. Depois de ouvir as suas experiências, eles também queriam saber de tudo que eu vivi e juntos compartilhamos uma alegria misteriosa. Como pude viver essa maravilha? Simples, fui fiel ao método, acolhi sem objeção a realidade que chegou para mim. Terminei com as palavras de Santa Teresa D’Ávila, escritas em uma réplica que ganhamos: Sólo Dios basta!

Colocação: No ponto “Estranho obscurecimento do pensamento”, fala-se que é a experiência do eu que me faz entender quem sou eu verdadeiramente. É na experiência do viver que acontece a descoberta da realidade e do meu eu. Na Escola de Comunidade, quando a gente refletiu sobre esse tema, eu coloquei que no meu trabalho, muitas vezes, fica uma confusão. Quem sou de fato ali? No trabalho eu convivo com pessoas que fazem experiências diferentes da minha. Há pessoas que vivem o relacionamento homossexual e o vivem com seriedade, como compromisso mesmo, com fidelidade. Nessa experiência está o eu dessa pessoa. Eu convivo com jovens mães, casadas, que têm uma preocupação muito grande com o filho para que ele se desenvolva profissionalmente. Buscam desde cedo pagar a melhor escola, o que eu acho certo, porém elas não têm a mesma preocupação em educar o filho para o relacionamento com Cristo. Uma pessoa do grupo colocou também que no trabalho dela surgiu a pergunta: o que é família para mim? E as respostas foram diversas, conforme a experiência que cada um vive. E diante desses questionamentos que foram apresentados eu quero fazer uma pergunta que tem a ver com os Exercícios de 2011, quando o Carrón dizia sobre a confusão do eu. Eu quero ler só um trecho da reflexão que ele fez porque vai ajudar a ilustrar a minha pergunta: “Quando se negligencia o próprio eu, é impossível que sejam minhas as relações com a vida. Que a própria vida, o céu, a mulher, a música sejam meus. Já a palavra eu, evoca para a esmagadora maioria das pessoas, um termo confuso e flutuante, um termo que se usa por comodidade como simples valor indicativo, como se usa garrafa ou copo. Por trás dessa palavrinha não vibra mais nada que indique forte e claramente que tipo de concepção se tem do valor do próprio eu. Fala ainda que muitas vezes reduzimos a experiência, não partimos da experiência verdadeira. Assim, o nosso eu vem de uma influência externa à nossa pessoa, que é o poder. Porém, nós não temos medo do poder, temos medo

das pessoas que dormem e, por isso, permitem ao poder que faça com elas o que quiser. Digo que o poder adormece a todos o quanto pode. Seu grande sistema, o grande método, é adormecer, anestésiar ou, melhor ainda, atrofiar”. Ele fala ainda que a nossa alma anseia por Deus, tem sede de Deus, do Deus vivo. E Carrón coloca que não falta Deus, falta o meu sim. E aí ficou a pergunta dos Exercícios deste ano: o que eu carrego na mochila da minha vida? Carrego Cristo na mochila da minha vida? Diante dessa colocação, minha pergunta é a seguinte: como sei que estou fazendo uma verdadeira experiência da realidade? Como sei que o eu está verdadeiramente nessa experiência? Todas as pessoas têm o seu eu, fazem experiências diferentes, vivem realidades diferentes, conforme os exemplos colocados, então como o eu pode ser definido nisso?

Colocação: A minha vida está me provocando muito, pois há muitas coisas acontecendo. Através disso eu sei que Cristo está se aproximando porque há muitas coisas grandes, bonitas e dolorosas acontecendo. Mas esse capítulo do livro tem me ajudado muito e eu entendi duas coisas importantes, através de uma situação pequena e concreta que aconteceu no meu trabalho. A primeira delas é que Carrón diz que mesmo com toda confusão, alguma coisa em nós permanece, algo fica dentro de nós. Acho que isso é o eu que, mesmo perdido, permanece, íntegro, com as exigências e evidências. O outro ponto é quando ele fala da geração do adulto, na página 45, quando ele diz: “Quando se está escancarado para aquilo que acontece no mundo, isto é, para Cristo, então o coração se dilata”. Isso foi o que aconteceu comigo.

Eu sou professora e antes de sair de férias, uma aluna que é muito viva me pediu para indicar alguns filmes para ela assistir nesse período. Eu dei uma lista e ela disse que queria minha sugestão porque eu passo sempre filmes muito diferentes do que assistimos normalmente. Da lista, ela não achou três, então eu disse que se ela quisesse, nós marcaríamos e assistiríamos juntas em casa. Então, num dia à tarde, veio um grupo de seis meninas, vimos o filme, conversamos. Nos últimos tempos eu tenho estado com os alunos do quarto ano, acompanhando a conclusão do curso e ficado menos com o pessoal do primeiro e segundo ano, com os quais eu fazia um sarau. Por causa disso, faz uns dois anos que eu não faço o sarau. Aí, lá em casa, aquelas alunas perguntaram sobre isso: “A gente ouviu dizer que você fazia um sarau. Não tem mais?”. Eu disse que poderia ter, se as pessoas quisessem. Então combinamos de nos encontrarmos novamente. No encontro, eu disse que a gente faz o sarau para entender a realidade que vivemos, uma pergunta que temos, por causa de alguma coisa que nos fere, nos atrai de alguma maneira, para podermos compartilhar. Então, se vamos fazer um sarau, precisamos saber qual a pergunta que temos, perceber o que está acontecendo. Com isso, elas disseram que percebiam que ninguém gostava de estar na faculdade, apenas passavam por ali sem interesse real por aquele lugar. Elas manifestaram que o sarau podia ajudar a entender as razões de estarem ali porque elas tinham o desejo de estar ali, diferente dos outros colegas. Decidimos que na semana seguinte faríamos outro encontro para definir o tema. Então, como combinado elas vieram e outros alunos também apareceram. Uma das que estava era uma menina que tem uma deficiência física e é muito admirada por todos. Começamos a conversar e ela disse que sabia qual deveria ser o tema, com base em algumas aulas que eu havia dado. Essa aluna disse que definiu em uma palavra que o tema deveria ser “Pertencer”. Eu perguntei o porquê daquela proposta e ela disse que todo mundo precisa pertencer. Não é possível estar em um lugar sem se sentir parte dele. E se não estamos fazendo essa experiência aqui, precisamos entender o que significa pertencer. Por isso marcamos de fazer o sarau. Para mim, primeiro, foi importante reconhecer que o coração ninguém tira; por mais que a gente esteja em uma sociedade crítica, quando olhamos de verdade para nós mesmos, reconhecemos as exigências. Em segundo lugar, é Cristo acontecendo. Esse foi um sinal muito simples de que Cristo me atraiu de novo, me chamou de novo, aconteceu de novo para minha alegria e salvação.

Bracco: Obrigado. Isso que você falou ajuda a responder a pergunta anterior, que é uma pergunta muito bonita. Havia um painel na Mostra sobre Abraão, no Meeting deste ano, com uma frase que eu gostaria de ler: “A ideia é que o ser humano tem que se tornar real, antes de esperar receber uma mensagem do sobre-humano, isto é, deve falar com sua própria voz, não com uma voz emprestada. Eu tenho que exprimir meus desejos reais e não aquilo que imagino que desejo, tanto no

bem, quanto no mal, sem nenhuma máscara, sem nenhum véu ou personagem. Como podem nos encontrar cara a cara os deuses, se não temos o rosto descoberto?”. Assim, toda a mostra fala sobre Abraão e o nascimento do eu.

Enquanto ela falava eu me perguntava: “Mas quando foi que eu descobri o meu eu?”. A primeira coisa, para responder a sua pergunta, é se perguntar quando é que descobrimos o nosso eu. Pode ser que já faz muito tempo e nos esquecemos do nosso eu. Vivemos para o eu dos filhos, dos amigos ou para o eu daqueles que cuidamos, mas nos esquecemos do nosso eu. Às vezes é dramático pensar o que é o meu eu. Para que entendamos se o eu é verdadeiro, temos uma ajuda: a realidade, que nos obriga a despertar. Por isso Dom Giussani dizia para vivermos intensamente o real, pois dessa maneira não viveremos com um eu emprestado. Podemos estar vivendo com um eu emprestado, convencendo-nos de que deveríamos desejar isso ou perguntar aquilo. Há o medo porque talvez faça muito tempo que não estamos vivendo nada. Pode ser que a realidade fale, porém colocamos uma máscara porque isso dá medo. Então, a primeira ajuda que temos é a realidade, e a segunda é encontrar alguém que nos tire o medo, que não tenha medo da minha humanidade verdadeira, com quem eu possa ser eu mesmo, sem colocar máscaras. Por isso alguém que não faz a minha experiência pode me ajudar a encontrar meu eu. Posso fazer essa experiência há anos e de repente me dar conta de que deixei meu eu guardado há vinte anos. Vivi para os filhos, para o marido e não há uma letícia. Estou respondendo pensando na minha experiência. Eu percebo que muitas vezes acontece isso. Ou coloco uma máscara, ou vivo no automatismo e não sou eu que vivo. Isso é perder o tempo vivendo. Passam-se meses e não percebo onde estava. Qualquer coisa da realidade ajuda. Depois, é preciso ter um caminho. Comigo tem acontecido de ser provocado pelo Carrón. Ele não me deixa tranquilo. É preciso encontrar alguém que não o deixe tranquilo, que coloque a faca dentro, fazendo surgir essas perguntas. É como Jesus que quando encontrava as pessoas não as deixava tranquilas: “De que adianta ganhar o mundo inteiro e perder a si mesmo?”. O bem maior que Ele tinha para as pessoas que encontrava era tentar fazer de tudo para despertar esse eu. Eu vejo que a maior ajuda que temos é quando, cada vez que a gente se encontra, coloca essa pergunta. É quando alguém diz para tomarmos cuidado para não ficarmos fora, para não ficarmos com a máscara, para ficarmos inteiros, falarmos da nossa pergunta, da nossa urgência, sem medo da nossa humanidade. Isso é a coisa mais bonita que se pode ter. Se não colocamos na frente a nossa humanidade, não encontramos o outro de verdade. Quando alguém me olha de verdade, passo a não ter medo, é como se tudo renascesse. É essa simplicidade que temos que reaprender sempre. Como a nossa amiga que foi lá no retiro servir e talvez tenha ganhado mais que todos nós que estávamos lá. Talvez estivesse com uma sede que nós não tínhamos, havia um desejo, como Madalena, como a cena do Evangelho dessa semana: “Você não lavou os meus pés. Ela, desde que chegou não parou de lavar meus pés com suas lágrimas”. Nós vivemos essa situação. Quantas Madalenas temos entre nós? Essa é a ajuda que temos para redespertar o nosso eu. Ao ouvi-la temos vontade de ter um eu. Sentimos despertado o desejo, somos colocados em movimento. Assim, temos essas graças que nos devolvem o nosso eu.

Como vimos, é preciso ser adulto na fé. Temos a ideia que ser adulto é não ter mais as perguntas, é não ter alguns medos, não ter incertezas. Ao contrário, percebo que ser adulto na fé é não saber nada, é desejar aprender tudo de novo, é aprender com todos, é ter mais capacidade de chorar. Quando nos achamos adultos, comovemo-nos menos e já sabemos aquilo que se vai falar. Ao invés, ser adulto na fé é retomar tudo de cabeça para baixo, mas não sem uma certeza. Aquilo que me marca é que partimos de uma certeza, a partir de um vínculo. Quando nos damos conta de um vínculo, de alguém que finalmente nos olha, nos perdoa, que não nos larga, não temos medo de recomeçar, de sermos humildes, de sermos pobres, de aceitar que precisamos do outro. Isso é ser adulto na fé

Colocação: Por causa da Coleta de Alimentos, eu estive em Petrópolis há dois meses para encontrar o pessoal que faz a Coleta lá. Digamos que depois de alguns anos eu tenho alguma experiência na Coleta que é muito interessante, então eu sei o que dizer sobre esse assunto. Mas o responsável local começou a reunião perguntando por que devíamos fazer Coleta neste ano tão difícil, em que as pessoas estão perdendo o trabalho. Isso me impressionou muito porque desmontou todas as coisas que eu tinha pensado e tive que me colocar mais. Foi interessante porque primeiro eu tive que

responder a mim. Então eu pensei como seria a conversa se o meu sócio estivesse ali e eu falasse da Coleta e no dia seguinte tivesse que falar de clientes que não estavam conseguindo pagar ou falar de pedido que não vem. Eu tive que pensar o que a Coleta tem a ver com isso. Falamos da Coleta no domingo e a segunda como será, diante dessa realidade? Então, eu acordei na segunda com uma consciência nova de que o trabalho tem um valor. Tentei lembrar mais por qual motivo a gente trabalha, o que é que se ganha depois de um dia de trabalho, de um mês, de um ano, para que seis ou sete meses de crise desmonte aquilo que foi construído. Eu respondi para ele que antes de tudo temos que estar presente com uma consciência nova, sabendo o que estamos fazendo. Essa é uma questão que ainda está em aberto para mim.

A segunda coisa é que em uma convivência com alguns jovens eu percebi que os adultos estavam meio perdidos. Não sabíamos como propor as brincadeiras e nem como trabalhar o texto que escolhemos para ler com eles. À noite foi uma bagunça, então entendi que eles não queriam ver terminar aquilo que tinham vivido durante o dia. Na manhã seguinte foi difícil acordar. Eu entendi que a gente não propõe um discurso, propomos uma unidade que se dá nesse olhar de um que busca o outro, porque uma pessoa pode saber como lidar com uma situação, mas pode se perder em outra. Nós propomos essa unidade, mesmo sabendo que não estávamos fazer direito as coisas. O que aconteceu foi maior do que aquilo que a gente conseguia porque havia unidade entre nós.

Colocação: Há três meses eu moro em São Paulo, pois antes eu morava no interior. Lá eu morava em um mosteiro de irmãs, em um pensionato o qual lembra aquele contexto que lemos na Escola de Comunidade, no capítulo sobre a Idade Média. É como se eu tivesse vivido esse cenário ali. Eu acordava e ia à missa cedo, em uma capela linda que tem lá, no meu caminho tinha uma natureza maravilhosa, eu via o sol nascendo e mandava fotos pra todo mundo porque era uma beleza que falava de Cristo facilmente. O motorista do ônibus era meu amigo e tudo era sinal de Cristo. Eu me sentia dentro dessa unidade de um modo mais fácil. Agora que eu me mudei para São Paulo, eu queria uma ajuda para educar a minha liberdade porque eu tenho medo de perder essa unidade. Eu trabalho muito longe de onde eu moro. Lá eu gostava de acordar porque eu ia pra missa e já ouvia o canto dos pássaros. E agora eu me sinto muito cansada porque acordo muito cedo e Cristo não vem de fora pra mim como acontecia antes, quando tudo era sinal Dele. Eu quero ajuda nisso porque eu não tenho mais o gosto de acordar. Não porque eu não quero o meu dia, mas porque eu tenho sono e cansaço. Eu pego metrô e ando para chegar no trabalho, e vejo todo mundo correndo, e eu acho uma loucura isso. Então eu me pego querendo rezar o terço porque eu preciso, eu tenho necessidade de ver Cristo. Aí eu fico me perguntando o que é fazer memória do encontro porque eu penso nas pessoas que para mim são sinal de Cristo e vejo o rosto delas, mas me pergunto se isso é justo, que seja esse esforço. Aqui há muito mais o pedido que eu veja Cristo no cansaço do meu trabalho. É justo usar minha liberdade assim? Será que estou fazendo da realidade uma imagem minha? Fazendo de Cristo uma imagem minha? Porque eu quero ir à missa, eu quero rezar o terço, eu quero ir à Escola de Comunidade, quero ir à assembleia porque eu sei que é onde eu encontro Cristo, só que eu tenho medo de transformar Cristo em uma imagem minha por um medo de perder tudo aquilo que eu encontrei. Estou vivendo esse drama.

Bracco: O que estamos vendo nesse período é que tem uma palavrinha mágica. O que temos que nada pode tirar de nós? Isso tem que ser antes de Cristo. Não é que aqui não tem passarinho, então não tem Cristo. Tem metrô, então não tem Cristo. Então o que falta? O que você tem aqui que também tinha lá? É o teu eu, que começou a nascer por causa de um encontro. O teu eu, que começou a vibrar quando você acordava de manhã. Tudo aquilo que você encontrava fazia crescer o teu eu, no relacionamento com Cristo. Esse teu eu ninguém tira, nem que você fosse para a Síria, que é pior que São Paulo. Não sei se vocês ouviram falar naquele padre Ibrahim. O que é que ele tem que ninguém pode tirar? Não é que se tenho o meu eu, não preciso de Cristo. Acontece que sem o eu, não encontro Cristo porque o eu é o lugar do relacionamento com Ele. Cristo faz de tudo para que meu eu fique preso a mim e que seja desperto. O maior sinal de Cristo é que seu eu se desperta. É claro que tem o medo, que não é fácil, mas você agora pode verificar se esse teu eu renasce por causa daquele

relacionamento, se existe, se continua, se gera uma superabundância. É isso que nós somos chamados a viver.

Colocação: Eu queria contar uma coisa que aconteceu no hospital, que me ajudou a viver um pouco mais. Na semana passada teve um encontro com todos os cuidadores dos pacientes por causa do dia do Alzheimer. Primeiro iam falar da doença e depois cada um ia passar nas estações conversando com os especialistas: fono, médico, odonto, para tirar as dúvidas específicas. Chegou um momento em que eu já estava cansado daquela rotina e fui conversar com um dentista que é muito amigo. Ele já tem quase 50 anos e havia me dito há um tempo que sua esposa tinha engravidado. Eu fiquei um pouco fora, sem encontrar com ele e acabei não perguntando mais. Aí aproveitei essa ocasião da conversa para perguntar como estava a gravidez. Ele contou que no começo da gestação os batimentos cardíacos do feto estavam baixos e ao investigarem descobriram uma síndrome que faz com que a criança viva poucas horas. Em raros casos vive um ano, mas vai morrer por deficiência no coração, no cérebro etc. Ele disse que a médica imediatamente expôs a possibilidade de abortar porque a situação estava respaldada na lei. A esposa e ele nunca pensaram em abortar, somente pensaram se haveria risco de morte para ela. Como a médica afirmou que se tratava de uma gestação normal, eles decidiram não abortar. Então eu falei pra ele que quando o bebê nascer, mesmo que ele viva uma hora, certamente o amor deles será muito maior que a doença e até mesmo a morte. Então ele me disse que já ama a filha hoje, que fala com ela pertinho da barriga e que se Cristo permitisse daria a sua vida em troca da dela. Quando ele falou isso, eu fiquei muito marcado porque me dei conta de como eu vivo ou de como eu deveria viver porque esse um minuto, essa uma hora, esse instante de amor salva tudo. Mesmo que eu passe o dia inteiro desligado, um minuto de amor pode me salvar. Eu fiquei pensando que às vezes eu fico esperando grandes coisas que vão me salvar, vão me fazer feliz, e eu entendi que a consistência do meu eu está em esperar esse um minuto que me abraça e me ama. Diante disso a felicidade surge. Isso me ajudou na semana toda porque comecei a me deparar com toda a minha vida. É muito mais fácil quando eu percebo que o meu eu espera isso, que quando acho que eu preciso buscar. Não é meu esforço só, eu preciso ter esse desejo e essa espera atenta, sabendo que tem um ponto que salva todo o resto.

Colocação: Na Assembleia Internacional, o Carrón falou sobre o testemunho. Ele disse que testemunho não é aquilo que eu faço, porém aquilo que Deus faz em mim. Pouco antes eu tinha conhecido um rapaz na Associação e ele não saía da minha cabeça. Disse que os cinco irmãos da família tinham problemas nos rins, um tinha morrido, e também o filho dele de 5 anos. E o rapaz contava isso com alegria, dando graças a Deus por ter descoberto a doença. Queria ajuda porque quer um lugar para morar, mas nós não vendemos terreno. Só que ele me comoveu e todas as perguntas que eu tinha sobre esse moço, sobre a sua alegria, foram respondidas quando Carrón disse isso. O moço me atraiu pela certeza que ele tinha. Muitas vezes a gente faz as coisas, como eu faço a Associação, que é uma obra gigante, mas eu não sou o testemunho, testemunho é aquilo que Deus faz em mim. A gente pode ser exemplo para os outros e com isso podemos ter a pretensão de fazer as coisas direito, ser um bom profissional, ser boa mãe, ser bom pai para ser exemplo, ser testemunho. Eu conheço muitas pessoas importantes, que são muito ricas, conheço pessoas que são bem casadas, são bons pais, são inteligentes e eu não senti inveja. No entanto eu senti inveja de um desgraçado que é doente, que não tem rim, que não tem casa e me deu a inveja do bem. Então, eu entendi o que Deus faz em mim e nas pessoas. Eu penso todo dia nesse rapaz e tenho muita vontade de ajudá-lo, mas a Associação tem um regulamento. Eu quero ajudá-lo não porque ele é um coitado, porque ele não tem casa. É porque se ele for nosso associado eu vou poder vê-lo mais vezes. A gente pode encontrar o rosto de Cristo e não reconhecer. Eu vi que esse moço era estranho, que ele tinha algo mais, mas eu não consegui reconhecer o rosto de Cristo nele. Eu não vi, só fiquei incomodada. O que me ajudou foi o que Carrón disse: “O testemunho não são as coisas boas que eu faço, mas é aquilo que Deus faz em mim.” Então, eu preciso estar aberto para que Deus faça de novo o testemunho.

Colocação: Eu queria falar algumas coisas, provocado pelo que saiu aqui. Faz um mês, estava

rezando e a leitura, se não me engano a carta de São João, dizia assim: “Desde agora sois filho de Deus, mas ainda nem se manifestou aquilo que sereis.” Quando eu ouvi aquilo eu pensei: “Desde já, sou filho de Dom Giussani, desde já, sou filho do Movimento, porém ainda nem se manifestou aquilo para que Ele fez com que eu O encontrasse. Eu ainda nem vislumbrei o melhor”. Estou dizendo isso porque o Movimento está vivendo um belo momento, que me toca profundamente, e eu, que sou filho disso, ainda não entendi o que há de mais bonito. A segunda coisa que eu queria dizer é que fiquei bastante provocado pela pergunta que foi colocada no início porque marca a história do último ano. Faz um ano que eu comecei a encontrar com três alunos meus da faculdade. Eles me pediram que a gente se encontrasse, eu não fiz nenhuma proposta. Logo eu descobri que eles vieram de experiências muito distantes da igreja. Depois de meses, eles entendem o que é o Movimento e pedem para começar a fazer Escola de Comunidade e hoje eles são 11. Eu expliquei o que era o Fundo Comum em março, só que no mês seguinte eu esqueci de pagar. Aí eu falei para aquele a quem eu pedi que fosse o secretário que me lembrasse no início do mês porque eu faço um monte de coisas e esqueço. Ele me respondeu que não ia fazer isso porque eu havia explicado para eles que o Fundo Comum é um exercício de liberdade que reconhece o valor na própria vida. “Se eu te lembrar de pagar, eu vou estar te poupando desse trabalho.” Logo eu pensei que esse último a chegar é fidelíssimo e nunca, em um ano, faltou em nenhuma Escola de Comunidade, como também os outros, e ele entendia mais o que era o Fundo Comum do que eu, como um exercício. Eles são 11 porque um foi convidando o outro e no meio desse caminho uma colega de trabalho me perguntou se eu tinha alguma religião porque ela estava com uma necessidade enorme de acreditar em Deus, já que não acreditava. Eu comecei a encontrar com ela, com uma outra colega e veio uma amiga do Movimento. Tudo isso gerou, despertou em mim o meu desejo. E o que eu queria acrescentar na discussão que apareceu até agora é que eu acho que um desejo consegue se sustentar ou um eu consegue se colocar dentro da realidade, se ele se sente objeto de uma preferência. Se eu não percebo que, de alguma maneira misteriosa, eu sou querido neste instante, eu não sou livre porque eu dependo do que os outros pensam de mim, eu dependo dos meus resultados no trabalho, eu dependo da pessoa que eu amo, esperando que ela me ame também, eu dependo de que a Escola de Comunidade fale coisas bonitas, ou seja, eu não sou livre. Eu só sou livre se faço a experiência de uma preferência. E a gente não inventa isso, é uma descoberta. Para mim, neste ano, esses fatos todos, a beleza que é Carrón pra nós hoje, a experiência de preferência que eu faço é a de pensar, neste instante, que a coisa mais evidente é que eu não me faço, não sou eu que decido minha existência. O que é mais evidente é que um Outro quer que eu exista. Acho que sem isso a gente não entende o nosso desejo e acaba tendo medo de olhar pra ele, como o Bracco falou, e não entendemos a grandeza que o Movimento está vivendo.

Bracco: Queria agradecer porque é impressionante como começamos e como tudo aconteceu, pelo menos para mim. Parece pouco tempo, uma hora, mas eu me sinto preferido depois dessa uma hora. É impressionante entender o que é que Cristo faz com cada um de nós. Eu entendi também que o Papa não me liga todos os dias, mas eu me sinto preferido. Existem algumas pessoas que nos geram, mesmo que não entrem em relacionamento como eu queria ou imaginava. O Papa, por exemplo, para mim, me diz que sou gerado. O Carrón, recentemente, disse que a nossa tentação é aquela de cair em uma postura ética. Nos cobramos muito sobre o que deveríamos ser, o que deveríamos seguir, mas às vezes não acontece. Respondendo a um de nós ele disse: “Que a nossa fragilidade seja frágil, não é uma novidade. A questão é, se pouco a pouco, mesmo diante de todas as nossas decaídas, vemos crescer na afeição por Cristo.” É isso que temos que verificar. Para nós é um escândalo que seja pouco a pouco, mas esse não é o problema. Quando eu tenho disponibilidade, tenho aquela abertura que vocês falavam antes, o meu eu começa a viver de novo e fazemos a experiência dessa preferência, que não é aquela que nos coloca em uma gaiola, é aquela que me gera porque me mostra que mesmo sendo pouco a pouco, com as decaídas, cresce a afeição por Cristo. Isso gera a superabundância que nos deixa livres diante dos desafios e situações novas que vamos encontrar.